

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA
CBTG
17º CONGRESSO BRASILEIRO DA TRADIÇÃO GAÚCHA

“A SUSTENTABILIDADE DO TRADICIONALISMO GAÚCHO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS, OPORTUNIDADES, AMEAÇAS, ALERTAS”.

FRANCISCO CARLOS FIGHERA
Tradicionalista

CBTG
LAGES - SC
23/11/2013

AGRADECIMENTOS

A Deus, Nossa Senhora Medianeira, Nossa Senhora de Schoenstatt, Nossa Aparecida e Nossa Senhora de Fátima, pelas luzes que sempre iluminaram meus caminhos com fé, esperança, perseverança e paz.

À minha Família, esposa Ana Maria e filhos Ana Carolina e Gustavo, pelo incentivo e apoio constantes em todos os projetos de desenvolvimento profissional, pessoal, e na caminhada tradicionalista.



“A família é patrimônio da humanidade porque é por meio dela que, conforme o desígnio de Deus, se deve prolongar a presença do homem sobre a Terra”. **(João Paulo II - 1920-2005)**

Ao amigo e companheiro Décio Albino de Oliveira, Ex-Presidente da CBTG e um dos seus idealizadores e fundadores. Com este grande tradicionalista, da cidade de Itapetininga, interior de São Paulo, tive o privilégio de conhecer detalhes da criação e história da CBTG, bem como aprender o verdadeiro sentido da palavra “companheiro”.

Ao grande tradicionalista e amigo Manoelito Carlos Savaris, Presidente da CBTG, e a sua esposa Odila, incansáveis no trabalho e na defesa intransigente da causa tradicionalista.

Ao saudoso Cel. Celso Souza Soares (*in memoriam*), Ex-Presidente da CBTG e seu ferrenho defensor, bem como do homem do campo.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	4
1.1	Fases	4
1.2	Desafios	5
1.3	Objetivo	5
1.4	Justificativa	5
1.5	Metodologia	6
1.6	Estrutura	6
1.7	Definição de tradicionalismo	7
1.8	Resumo cronológico de algumas datas importantes	7
2.	O MUNDO CONTEMPORÂNEO	10
2.1	Velho milênio	10
2.2	Novo milênio	11
2.3	Questionamentos	12
3.	A SUSTENTABILIDADE DO TRADICIONALISMO GAÚCHO	14
3.1	Questões para discussão	16
3.2	O tradicionalismo gaúcho	16
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES	26
5.	BIBLIOGRAFIA	28

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de 15 anos de dedicação ao movimento tradicionalista gaúcho, apesar dos cargos assumidos, entre outros, Diretor Artístico do CTG União e Tradição (SP), Patrão do CTG Barbosa Lessa (SP), Assessor Especial da CBTG, Presidente do MTG de São Paulo por dois mandatos, Segundo Vice Presidente da CBTG, me considero apenas um simples peão a serviço dessa causa que abracei e amo, assim como tantos outros que conheci / conheço. Minha família sempre esteve / está comigo.

Nesse período, participando ativamente do movimento e observando sua marcha, por meio de estudos de sua evolução histórica, proseando com os que estão nessa estrada há muito tempo, bebendo do conhecimento e experiências de outros tantos, pode-se afirmar que o movimento tradicionalista gaúcho se encontra atualmente na fase da *institucionalização*, como escreveu JARBAS LIMA (2004:24-25):

1.1 Fases

Os movimentos sociais costumam passar por **quatro fases** desde seu surgimento até alcançarem uma organização consolidada.

A primeira é a fase da ***inquietação social***, quando as pessoas estão ansiosas por alcançarem aquilo que um dia será objetivo do movimento, agem descoordenadamente, são sensíveis aos apelos e sugestões dos “agitadores”.

A segunda é a da ***excitação popular***, onde predomina ainda a desorientação, mas já começam a surgir noções bem definidas quanto aquilo que o movimento se propõe. Nesta fase os líderes gozam de grande prestígio no grupo e atuam como *profetas* ou *reformadores carismáticos*.

A terceira é a fase da ***formalização***, na qual o movimento passa a ter uma forma definida como organização, cria normas, estabelece diretrizes, estratégias e disciplina. Os líderes nesta fase atuam como dirigentes políticos.

Na quarta fase, a da ***institucionalização***, o movimento solidifica-se enquanto organização duradoura, tem um corpo de militantes permanentes e dispõe de uma estrutura para atingir os seus objetivos. É a fase em que os líderes são exigidos como administradores.

1.2 Desafios

Nos sessenta e seis anos do movimento e desde seu início em setembro de 1947, muitos desafios foram e continuam a ser enfrentados. BARBOSA LESSA (1987:53), em 1954, já apontava “o enfraquecimento do núcleo das culturas locais e o desaparecimento gradativo dos Grupos Locais como unidades transmissoras de cultura”, como sendo os dois fatores de desintegração da sociedade. Dizia: “É nos grandes centros urbanos que esse fenômeno se desenha mais nítido, através das estatísticas sempre crescentes de crime, divórcio, suicídio, adultério, delinquência juvenil e outros índices de desintegração social”.

Esses fatores continuam presentes na sociedade, agravaram-se e surgiram outros, tais como drogas, alcoolismo, violência, assaltos, sequestros, corrupção.

1.3 Objetivo

O objetivo deste trabalho é, à luz dos fatores presentes no mundo contemporâneo, considerados ou não ameaças, oportunidades e desafios ao tradicionalismo, contribuir de alguma forma para o engrandecimento do movimento e manutenção de sua marcha.

1.4 Justificativa

Justificam o interesse pelo tema escolhido a fase atual do tradicionalismo, da ***institucionalização***, como citado, vis-à-vis fatos e decisões tomadas no passado, o momento presente e o que se espera para o futuro do movimento. A exemplo de FERNANDES (2006), não tem este trabalho o objetivo de

“ensinar, polemizar...”, exemplificar ou citar nomes ou fatos / casos ocorridos, decisões bem ou mal tomadas, ou penitenciar a quem quer que seja.

À sua leitura e/ou apresentação, provavelmente, pela mente consciente de cada um, desfilarão histórias e imagens (presenciadas ou contadas por outros), palavras, ações e decisões, tomadas sob circunstâncias à época, que mudaram rumos e deixaram marcas nessa marcha.

O posicionamento, visão, interpretação e reflexão de cada um são respeitados, sabendo-se que certo ou errado, cada indivíduo tem o seu jeito, que é / pode ser o jeito certo, e a todos são reservados os direitos de acertar e errar.

1.5 Metodologia

Como metodologia para alcançar os objetivos, procura-se seguir os ensinamentos de SEVERINO (2007), utilizando dados secundários e principalmente observações do fenômeno que é o movimento tradicionalista gaúcho brasileiro. Levou-se em conta a história escrita e não escrita do movimento, como os relatos do saudoso CYRO DUTRA FERREIRA (1987), conhecimentos e experiências aprendidas em rodas de mate com os mais antigos, literatura e publicações existentes, artigos, depoimentos, pronunciamentos, palestras, observações e meditações nos anos dedicados à essa causa.

1.6 Estrutura

A estrutura deste trabalho compreende a **(i) INTRODUÇÃO**, onde se situa a fase que se encontra o movimento, desafios, objetivo do que se propõe, justificativa da escolha do tema, metodologia, estrutura, definição de Barbosa Lessa e resumo cronológico de datas importantes, onde se resgata um pouco da história do tradicionalismo; **(ii) O MUNDO CONTEMPORÂNEO**, situando o movimento no seu início (BARBOSA LESSA:1954), permeio (JARBAS LIMA:2004) e fase atual; **(iii) A SUSTENTABILIDADE DO**

TRADICIONALISMO GAÚCHO, foco principal das observações; (iv) CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES.

1.7 Definição de tradicionalismo

Como define BARBOSA LESSA, no MANUAL INFORMATIVO DA COMISSÃO DE JOVENS DO MTG (1987:58), “Tradicionalismo é o movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem-coletivo, através de ações que o povo pratica (mesmo que não se aperceba de tal finalidade) com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura; graças ao que a sociedade adquire maior solidez e o indivíduo adquire maior tranquilidade na vida em comum”.

É um estado de consciência, que busca preservar as boas coisas do passado, sem conflitar com o progresso, através do cultuar, vivenciar e preservar o patrimônio sociocultural do povo gaúcho. É a sociedade que defende, preserva, cultua e divulga a tradição gaúcha, que congrega defensores dos costumes, dos hábitos, da cultura, dos valores do gaúcho.

Este movimento se espalhou pelo Rio Grande do Sul, atravessou porteiras e fronteiras, sendo reconhecido pela ONU como um dos maiores movimentos socioculturais do mundo.

1.8 Resumo cronológico de algumas datas importantes

1835 - Principal data comemorativa - em 20 de setembro de 1835 teve início a Revolução Farroupilha, com a entrada dos revolucionários em Porto Alegre, sob o comando de Gomes Jardim e Onofre Pires. Esta é considerada a maior data cívica do Estado, escolhida para lembrar os ideais farroupilhas: o “Dia do Gaúcho”.

1898 – Fundação do Grêmio Gaúcho - em Porto Alegre, em 22 de maio, entidade que tinha por objetivo cultuar o tradicionalismo rio-grandense, por João Cezimbra Jacques (Patrono do Tradicionalismo do Rio Grande do Sul).

1947 – Acendimento da Chama Crioula - no dia 7 de setembro, de uma centelha tirada da Pira da Pátria. Símbolo máximo das tradições gaúchas. A primeira **Ronda Crioula** do Rio Grande do Sul encerrou-se em 20 de setembro de 1947 e deu origem a todo o **Movimento Tradicionalista Gaúcho**.

1948 – 35 CTG - fundado em 24 de abril, em Porto Alegre, o primeiro CTG organizado, de milhares que depois foram sendo criados pelo mundo afora. Passados 65 anos, hoje são cerca de 2.700 CTGs espalhados pelo Brasil, 10 no exterior, mais um número sem-fim de Piquetes de Tradições Gaúchas (associações menores que os CTG) e Departamentos de Tradições Gaúchas (ligados a clubes ou associações).

1954 - Primeiro Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul – realizado na cidade de Santa Maria, no dia 3 de julho. Barbosa Lessa apresentou e viu aprovada sua tese de base sociológica, de título "**O Sentido e o Valor do Tradicionalismo**", definidora dos objetivos do movimento tradicionalista gaúcho. É, ainda hoje, considerado e respeitado como o documento mais importante do movimento. À época, havia cerca de 40 CTGs, organizados nos moldes do 35 CTG.

1959 - A criação da Federação de CTGs foi uma decorrência natural da continuidade dos Congressos realizados anualmente. Já no ano de 1959 foi criada uma estrutura para coordenar as atividades, orientar o “fazer da tradição” e fiscalizar a prática tradicionalista. O Conselho Coordenador e as 12 Zonas Tradicionalistas criadas se constituíram no estágio preparatório para a criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho, conhecido pela sigla MTG (SAVARIS, 2012).

1961 – Carta de Princípios - Para nortear os rumos e estabelecer as diretrizes do tradicionalismo, foi aprovada no VIII Congresso Tradicionalista, realizado de 20 a 23 de julho, na cidade de Taquara, Estado do Rio Grande do Sul. De autoria de Glaucus Saraiva, contém XXIX laudas, onde são fixados os objetivos do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

1966 - Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG - constituído formalmente em 28 de outubro, durante o XII Congresso Tradicionalista, realizado na cidade de Tramandaí, no Rio Grande do Sul, o primeiro dos MTGs, cujo objetivo é congrega os Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins e preservar o núcleo da formação gaúcha e a filosofia do movimento tradicionalista, decorrente da sua Carta de Princípios e expressa nas decisões dos Congressos Tradicionalistas.

1987 – Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha – CBTG - fundada em 24 de maio, é uma instituição sócio cívico cultural, que tem como objetivos valorizar, organizar, defender, promover e representar as tradições e a cultura gaúcha, representando as entidades tradicionalistas gaúchas sediadas no território nacional, reunidas em nove federações estaduais e regionais, assim denominadas e compostas pelos Movimentos Tradicionalistas:

- MTG Rio Grande do Sul (28/10/1966)
- MTG Santa Catarina (18/05/1973)
- MTG Paraná (05/12/1975)
- MTG São Paulo (19/10/1985)
- MTG Rondônia, hoje Amazônia Ocidental (14/10/1989)
- MTG Mato Grosso do Sul (09/02/1990)
- FTG-PC Federação Tradicionalista Gaúcha do Planalto Central (30/11/1991)
- MTG Mato Grosso (14/08/1993)
- UTGRJ União Tradicionalista Gaúcha do Rio de Janeiro (07/05/2000 – 23/11/2013)
- UTGN União Tradicionalista Gaúcha do Nordeste (23/01/1994 – 23/11/2013)

2. O MUNDO CONTEMPORÂNEO

Contemporâneo quer dizer do mesmo tempo, do nosso tempo, da mesma época, especialmente da época em que vivemos.

2.1 Velho milênio

O que dizia Lessa, em 1954, se aplica ou deveria se aplicar ao contemporâneo em qualquer época, entretanto, a sociedade passa por permanentes mudanças e transformações.

BARBOSA LESSA (1987:52) afirmava: “Na vida humana, a sociedade - mais que o indivíduo - constitui a principal força na luta pela existência. Mas, para que o grupo social funcione como unidade, é necessário que os indivíduos que o compõem possuam modos de agir e de pensar coletivamente. Isto é conseguido através da "herança social" ou da "cultura".

Em sua tese, LESSA (1987:54) fala do “surto surpreendente do maquinismo em nossos dias,...facilidade de intercâmbio cultural entre os mais diversos povos, ...o núcleo das culturas locais ou regionais vai se reduzindo gradativamente, a ponto de ser sufocado pela zona das Alternativas”.

À época, o mundo ainda se ressentia da segunda guerra mundial e dos efeitos do pós-guerra, Acordo de Bretton Woods (substituição do padrão ouro pelo dólar), onde os Estados Unidos se consideravam credores do mundo, havia enorme aporte de financiamentos americanos para a América Latina e junto com ele a cultura americana e as tradições (inclusive gaúchas) renegadas.

Daí o início do movimento, em 1947, com o propósito de ter o direito de fixar as coisas de raízes rio-grandenses, preservá-las, valorizá-las e projetá-las, sem se insurgir contra o desenvolvimento, o progresso, a liberdade, o bem-estar e a evolução.

Na mesma tese, LESSA (1987:58) já demonstrava preocupação com o futuro do movimento, a ponto de dizer que “o transcurso do tempo é que virá dizer do acerto ou não desta campanha cultural. De qualquer forma, as gerações do futuro é que poderão indicar, com intensidade, os efeitos desta nossa – por enquanto – **pálida experiência** (grifo nosso)”.

Em 1997, quarenta e três anos depois do 1º Congresso Tradicionalista, em Santa Maria (50 anos do início do movimento), JARBAS LIMA (2004:39,40) escrevia “é impressionante a vitalidade de nossos CTGs, de nossos festivais de música nativista, de nossos rodeios”. Dizia mais: “o sucesso dos jornais, revistas, livros, livrarias e feiras sobre assuntos gaúchos atestam o interesse pela tradição. A cultura tradicionalista não está apenas nas áreas rurais, mas conquistou as cidades, onde os jovens fazem questão de tomar chimarrão, vestem bombachas ou saias rodadas e apreciam a música regional”. E completava: “Estão surgindo os Movimentos Tradicionalistas Gaúchos de Santa Catarina, do Paraná, de Mato Grosso do Sul e existe até uma Federação Paulista de Tradições Gaúchas”.

Nesse momento o tradicionalismo encontrava-se com um pé na fase da *excitação popular* (segunda fase) e outro na da *formalização* (terceira fase), mencionadas na Introdução.

2.2 Novo milênio

Estudiosos, cientistas e futuristas afirmam que o novo milênio é do conhecimento, da informação, da tecnologia (especialmente da informática), da preocupação com o social e ambiental, da globalização e da mulher.

Frente aos novos tempos, a humanidade está exposta a inúmeros desafios, tais como, desenvolvimento sustentável, meio ambiente, equilíbrio ecológico, globalização, regulação do uso da informação nas redes sociais (Internet, Skype, Facebook, etc.), desigualdades e qualidade do ensino, fuga e volta às Igrejas, celibato, ordenação de mulheres, cura do câncer e da aids, desemprego, corrupção, políticas que levem ao bem-estar social, distribuição

da renda, reforma agrária, drogas, violência, assaltos, sequestros, pobreza, terrorismo, guerras, fome e paz.

Todas essas mudanças, sociais, culturais, econômicas, tecnológicas, políticas, ambientais afetam direta ou indiretamente homens, mulheres e crianças, de todas as idades (individualmente), a sociedade como um todo e principalmente as *famílias* (coletivamente), modificando as relações dentro dos “grupos locais”, entre os quais estão incluídos os CTGs, células-mãe do movimento tradicionalista gaúcho.

2.3 Questionamentos

Diante deste cenário, algumas observações, apontamentos, pensamentos, desafios, preocupações (ou seriam ameaças), questionamentos, ainda pesam sobre o movimento:

a) As pequenas concessões (mormente as do passado), normais num movimento novo, ainda causam dificuldades e é preciso ter muita consciência para retomar o caminho de volta; FERNANDES (2006), cita alguns exemplos: **(i)** Melodias e ritmos de músicas crioulas modificadas; **(ii)** CTGs que fazem bailes usando metade da noite com música gaúcha e a outra metade com música universal; **(iii)** Uso da bombacha Argentina em cavalgadas e dentro dos CTGs; **(iv)** Gaúcho pilchado e usando chapéu de cowboy; **(v)** O uso do "você" em lugar do "tu"; **(vi)** programas apresentados em TV que deslustram a cultura gaúcha.

b) Os CTGs ainda têm dificuldades em entender o que é ser o “Grupo Local”, ao qual se referia Barbosa Lessa;

c) O movimento que veio do campo e tornou-se urbano, e ainda sofre pressões do público citadino;

d) A formação e preparação de jovens (líderes), com reconhecimento, conscientização e comprometimento com a causa tradicionalista são fatores

indispensáveis para a manutenção da identidade, imagem e continuidade do movimento;

e) A identificação das dificuldades organizacionais, culturais e de captação de recursos e a definição de prioridades / atividades, com a fixação de objetivos, metas e ações, também se inserem no mesmo contexto;

f) A **família** é e deve ser a bandeira fundamental do tradicionalismo; os novos conceitos éticos e morais que a sociedade nos impõe, aos quais parece temos que nos acostumar, sob pena de exclusão, devem pelo menos obedecer aos princípios do convívio e associabilidade, dentro dos limites de respeito mútuo, haja vista a responsabilidade pela transferência da herança social;

g) Os MTGs / Federações, em geral, ainda têm dificuldades de agregar as entidades filiadas;

h) A CBTG ainda tem dificuldade de ser reconhecida como Entidade Maior do Tradicionalismo Gaúcho Organizado.

3. A SUSTENTABILIDADE DO TRADICIONALISMO GAÚCHO

Uma palavra muito em voga nos últimos anos e especialmente nos dias de hoje é “**sustentabilidade**”.

O termo “*sustentável*” vem do latim *sustentare* (sustentar; defender; favorecer, apoiar; conservar, cuidar). Embora uma palavra com muitas primaveras no dicionário, ganhou o mundo no relatório “*Nosso Futuro Comum*” (ou *Relatório Brundtland*, publicado em 1987), da Primeira Ministra da Noruega, à época, Gro Harlem Brundtland, que chefiou a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, indicada que foi pela ONU, e que cunhou o conceito de desenvolvimento sustentável como sendo “*o atendimento das necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades*”.

Diz-se que são quatro os requisitos básicos para um empreendimento humano ser sustentável e/ou ter sustentabilidade. Tem que ser:

a) Ecologicamente correto: O uso de matérias-primas naturais renováveis, obtidas de maneira sustentável ou por biotecnologia não transgênica, bem como o reaproveitamento e a reciclagem de matérias-primas sintéticas por processos tecnológicos limpos. DE ANDRADE (2011) cita: Quanto à ecológica, deve promover “a autolimitação do consumo” e “intensificação nas pesquisas para obtenção de meios mais eficientes e menos poluentes para o desenvolvimento do espaço urbano, rural e industrial”.

b) Economicamente viável: Ligada à sustentabilidade econômica, que é alcançada através de um modelo de gestão sustentável, ou seja, um modelo que incentiva processos que permitem a recuperação do capital financeiro, humano e natural da empresa. DE ANDRADE (2011) menciona: A econômica só é possível com maiores investimentos e eficiência gerencial dos recursos (públicos ou privados) “em termos macrossociais e não apenas através do critério macroeconômico do empresário”.

c) Socialmente justo: É preciso respeitar o ser humano, para que este possa respeitar a natureza. Do ponto de vista do ser humano, ele próprio é a parte mais importante do meio ambiente. Segundo DE ANDRADE (2011), A sustentabilidade social trata da “melhor distribuição de renda e redução do abismo entre classes ricas e pobres”.

d) Culturalmente aceito: Como diz DE ANDRADE (2011), Sob o aspecto cultural, este visa “manter as raízes em todos os processos de modernização, agricultura, indústria; preservando as características locais e particulares de cada região”.

Inicialmente, aplicado ao meio ambiente, dito conceito foi além e hoje se aplica a organizações (privadas, públicas, recreativas, culturais, associativas com e sem fins econômicos, etc.) de todos os segmentos (indústria, comércio, serviços, agricultura, pecuária, etc.). Também é muito conhecido na política, artes, cultura, educação, medicina, veterinária, etc.

É só abrir os jornais e revistas e lá está ela estampada em mais de uma página, com todas as letras. Nos noticiários, entrevistas, reportagens, seja no rádio ou na televisão, está sempre presente. Nos discursos políticos, então, nem se fala, é cansativamente repetida. No campo da gestão é a palavra da moda. Há muitas publicações na internet sobre a sustentabilidade no cinema, no teatro e até na música infantil (“Fórum Social Infantil trabalha sustentabilidade de maneira lúdica”. Aconteceu no Rio Grande do Sul, em janeiro de 2012). No “VIII Encontro da Juventude Tradicionalista da CBTG”, realizado em Florianópolis em 2009, uma palestra sobre a “Sustentabilidade Econômica do Movimento”, proferida por Wilson Porto, chamou muito a atenção dos jovens.

3.1 Questões para discussão

Dito isto, algumas questões se colocam:

- A) O conceito de sustentabilidade pode ser aplicado ao tradicionalismo gaúcho?
- B) O tradicionalismo gaúcho atende aos quatro requisitos básicos antes mencionados?
- C) Sob o prisma da sustentabilidade no mundo contemporâneo, quais os principais desafios, oportunidades, ameaças, alertas para o tradicionalismo gaúcho?

De pronto, não é muito simples responder a essas questões, além do que é preciso ter muito cuidado com as reflexões e/ou afirmações, pois envolvem muitas variáveis.

De outro lado, não temos a pretensão e/ou objetivo de esgotar o assunto, mas abrir/continuar o debate, respeitadas as opiniões.

3.2 O tradicionalismo gaúcho

Vejo o tradicionalismo gaúcho sob a forma de um **“Galpão de CTG”**, como mostra a **Figura 1**, alicerçado sobre **“Esteios Fundamentais”**, que são a **“FAMÍLIA”** e **“GRUPO LOCAL”** (responsáveis pela preservação e transmissão da herança social, como queria Barbosa Lessa), e a **“TRADIÇÃO”** (o amor e culto à terra, ao pago... que vem da alma).



Figura 1

Esses pressupostos são a essência da existência e continuidade do movimento. Pode-se dizer que são como o sol, o ar, a água, a terra, o mar, elementos da natureza que nem se percebe que existem, mas estão sempre ali, e se não mais existissem logo se notaria sua falta e lhes seria atribuído o valor que realmente tem.

Esses “**Esteios ou Pilares**”, apesar de fortes e resistentes como o cerne, podem sofrer e sofrem desgastes naturais. Não envelhecem com o tempo, mas tem que se adaptar às mudanças, até porque essas são permanentes.

Os “**Esteios**” (ou pilares) também têm que suportar outras “**Estruturas**” (Organizacional, Institucional, Moral, Cultural, Econômica e Financeira), como os vigamentos, travessas, caibros, taboas, vergas, ripas, forro, tesouras, que mantém esse Galpão de pé, bem como as “**Telhas**” que cobrem o Galpão, qual sejam as diversas atividades do tradicionalismo (Campeira, Artística,

Esportiva, Recreativa, Cultural, Social), para que bem ao alto tremule a Bandeira da Liberdade, Igualdade, Humanidade.

As “**Estruturas**” do galpão, encravadas nos “**Esteios**”, dão o embasamento e suporte necessários à realização das “**Atividades**”, que podem ser simples ou complexas (acho que mais complexas do que simples), pois atuam em cenários diferentes e nem sempre são bem aceitas, como deveria ser e era de se esperar.

Poderíamos compará-las a placas de sinalização de uma estrada, com as indicações dos caminhos e dos perigos e riscos de não obedecê-las. Estas estruturas também se sujeitam ao tempo, às mudanças, sofrem desgastes naturais, envergam, empenam, descascam, mas os defensores do tradicionalismo autêntico (sem genéricos), sempre a postos, não as deixam ceder e provém sua manutenção constante.

Por fim, para cobrir o galpão, as “**Atividades**” completam o que podemos chamar de “**Sistema do Tradicionalismo**”.

Em tese pode-se dizer que são os produtos gerados pelo tradicionalismo, pois na verdade são mais visíveis, tanto para os tradicionalistas como aos simpatizantes do movimento, governos, imprensa, mídia, e demais pessoas e entidades não tradicionalistas.

Entretanto, se de um lado tem certo grau de liberdade, por estarem em cima do galpão, de outro, pela exposição (sol, chuva, frio, calor, ventos, etc.), sofrem maiores desgastes (críticas, reclamações, restrições, discórdias, recursos, até brigas).

Terminado o “**Galpão**”, sem a pretensão de que esteja totalmente pronto, porque necessária sua manutenção preventiva, contínua e permanente (principalmente dos “esteios” e “estruturas”), pode-se analisar e responder as questões inicialmente formuladas, respeitadas outras ideias e opiniões a respeito, sabendo-se que as respostas passam necessariamente pelas

pessoas, no caso pelos tradicionalistas, especialmente os líderes e gestores do movimento.

A) O conceito de sustentabilidade pode ser aplicado ao tradicionalismo gaúcho?

Pode e deve, por ter a preocupação não só com as necessidades do presente, mas por comprometer-se com o atendimento das mesmas necessidades das gerações futuras.

Em outras palavras este conceito está implícito/explicito, entre outros, na **Carta de Princípios** (Objetivo VII - Fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção dos valores, princípios locais, reações emocionais, etc.; criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e de pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns) e na **Tese de Barbosa Lessa**, “O sentido e o valor do tradicionalismo” (E graças à Tradição, essa cultura se transmite de uma geração a outra, capacitando sempre os novos indivíduos a uma pronta integração na vida em sociedade).

Entretanto, conceitos e práticas nem sempre convergem na mesma direção. Se o conceito de sustentabilidade é bastante abrangente (e é), deve ser entendido se aplicado junto com as práticas, sob pena de se ter problemas (e tem) com os “**Esteios**”, “**Estruturas**” e “**Telhas**”, que aos poucos vão envergando (ex.: concessões), se deteriorando (ex.: faltam os pilas para manter), e podem levar o galpão abaixo.

B) O tradicionalismo gaúcho atende aos quatro requisitos básicos para um empreendimento humano ser sustentável e/ou ter sustentabilidade?

É ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente aceito? A seguir, respostas sucintas para cada requisito, em aderência ao tradicionalismo gaúcho:

- Quanto a ser **ecologicamente correto**, entende-se que muitas ações precisam ser desenvolvidas (assim como em toda a sociedade), principalmente no que diz respeito à conscientização e consciência ecológica. Essa preocupação deve ser constante e motivo de programas contínuos das entidades tradicionalistas, ou o “comprometimento com o atendimento das mesmas necessidades das gerações futuras” restará prejudicado.
- No tocante ao requisito **economicamente viável**, de pronto não é possível afirmar se o movimento o é como um todo. Não há dados e/ou informações que possam subsidiar qualquer afirmação. Pelo que se sabe, através de informações de companheiros, os pilas nas guaiacas da grande maioria das entidades andam escassos. Nesse sentido, há um longo trabalho a ser feito, entre outros, pesquisa do potencial econômico e financeiro do movimento a nível nacional (patrocinada pela CBTG em parceria com os MTGs / Federações) e providências quanto à organização das entidades tradicionalistas para captação de verbas públicas.
- No que se refere a ser um empreendimento humano e no tocante aos requisitos de **socialmente justo** e **culturalmente aceito**, nos parece que não restam dúvidas. Não significa dizer que está tudo bem e não há nada a fazer. A cultura gaúcha é admirada de norte a sul e de leste a oeste, especialmente nos estados da região sul, onde estão localizadas 97% das entidades tradicionalistas. Entretanto, a nível de Brasil, tem um

longo caminho a percorrer, para que se possa dizer verdadeiramente “Este é o Brasil de bombachas”.

De qualquer forma, é primordial o planejamento para a execução e controle de ações que visem alcançar/melhorar os quatro requisitos da sustentabilidade.

C) Sob o prisma da sustentabilidade no mundo contemporâneo, quais os principais desafios, oportunidades, ameaças, alertas para o tradicionalismo gaúcho?

Em primeiro lugar, todo o “Galpão” do tradicionalismo gaúcho está sujeito aos desgastes naturais pela ação do tempo (mudanças), por isso é preciso vigilância sempre atenta e manutenção contínua.

As ameaças aos “esteios” ou pilares, pelo excesso de peso das “estruturas” e “telhas” do galpão do tradicionalismo são constantes, contemporâneas. Observa-se que são menores de fora para dentro e no sentido inverso. Porém, de cima para baixo e de dentro para dentro é onde se encontram as principais ameaças, desafios e também oportunidades de melhorias, se ouvidos os alertas e dada a devida atenção e solução.

Quantos desabafos já ouvimos de tradicionalistas que abandonaram o tradicionalismo, deixaram de frequentar as entidades (CTG / MTG / CBTG), guardaram até as pilchas, em função do mau tratamento de companheiros, ou que se dizem como tal, que insistem em tentar descumprir o que está escrito, interpretando normas, querendo criar uma verdadeira jurisprudência tradicionalista.

A esse respeito, escreveu SAVARIS (2013): É comum ouvirmos: “Foi votado e aprovado”; “Se quer mudar apresente proposta na próxima convenção”; “Onde é que está escrito?”; “Segundo a coletânea ...”, e assim por diante. “Ninguém é obrigado a combinar, porém, depois de combinado cumpra! Se não quiser cumprir, primeiro, descombine!”. E acrescenta: Toda vez que uma regra é quebrada, seja por um dirigente, seja por um participante qualquer, haverá

intranquilidade, insegurança e sempre uma reação. E conclui: Cada um de nós tradicionalistas, dirigentes ou não, devemos combater incansavelmente as transgressões às normas. Temos o dever de preservar o que foi combinado por nós mesmos ou por aqueles que nos antecederam. Não podemos permitir que as regras sejam quebradas pelo simples fato de que alguém se arvora no direito de colocar-se acima do que a maioria decidiu.

Destarte o que diz SAVARIS, mas no mesmo sentido, que não se olvidem os valores que destaca JARBAS LIMA (2004:20-22), especialmente o respeito à palavra dada, sempre bom de serem lembrados / resgatados e que fazem parte da maneira gaúcha de ser brasileiro, tais como:

- **O espírito associativo** (práticas de cooperação de solidariedade e apreço pela comunidade que têm suas origens na necessidade de união para a defesa nas guerras de fronteira e na necessidade de sobrevivência dos imigrantes);
- **O nativismo** (o amor ao solo natal, que não foi dado gratuitamente: diferente de outros brasileiros sabe o gaúcho que não foi um *donatário*, mas um conquistador - “*esta terra tem dono...*”);
- **O respeito à palavra dada** (como se observou no primeiro capítulo, só a palavra de honra do Duque de Caxias conseguiu fazer os farrapos deporem as armas);
- **A defesa da honra** (apenas como exemplo, lembre-se que o maior desastre moral dentre as hostes farroupilhas decorreu de ofensas à honra e culminou com o lamentável duelo entre Bento Gonçalves e Onofre Pires);
- **A coragem** (o próprio Rio Grande não teria surgido se não fosse a coragem dos pioneiros, o desassombro dos imigrantes);
- **O cavalheirismo** (o gaúcho sempre se distinguiu pela nobreza das ações, pela prática de altos feitos na consideração dos seus semelhantes);

- **A conduta ética** (basta que se observem os grandes escândalos da vida política nacional e se constate que eles não costumam medrar no Rio Grande);
- **O amor à liberdade** (as ideias liberais nem eram conhecidas no Brasil, quando aqui se fez uma revolução em nome da *liberdade, igualdade e humanidade*);
- **O sentimento de igualdade** (a história da escravatura no Rio Grande foi diferente, a participação dos negros nas tropas farroupilhas foi emblemática, não se observa no Rio Grande a acentuada hierarquização da sociedade comum na maior parte dos outros Estados federados);
- A **politização** (desde o berço obrigou-se o gaúcho às lides políticas, o estancieiro era chefe político e militar, o peão soldado e cidadão);
- **O senso de modernidade** (mais pioneiro do que bandeirante, o gaúcho madrugou em relação ao Brasil no liberalismo, na criação de um partido político moderno, no exercício da ditadura positivista, etc.).

Outro ponto importante, no nosso entender, e uma das finalidades, é a Função Social do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que certamente se encontra escrita nos Estatutos Sociais dos CTGs, MTGs / Federações, CBTG, e por enquanto é letra morta na maioria dessas entidades. Como escrito por Jorge Moreira, em MEIO SÉCULO DE CONGRESSOS (2004:106), “... os Centros de Tradições Gaúchas não devem ser apenas clubes de gente que anda de bombachas e vestido de chita. Devem ser, ao lado do entretenimento que propicia a seus associados, uma verdadeira escola de comportamento ético e social...”.

Essa função social já era preocupação de BARBOSA LESSA (1987:59-60), ao citar em sua tese “As duas grandes questões do tradicionalismo gaúcho, importantíssimas, que de maneira nenhuma podem ser descuidadas pelos tradicionalistas, sob pena deste esforço cultural se desenhar, de antemão, como uma experiência fracassada”: a) ATENÇÃO ESPECIAL ÀS NOVAS

GERAÇÕES - ... as gerações novas não chegaram a conhecer o grupo local como unidade social autêntica, e somente seguirão nossos passos por força de impulsos que a educação lhes ministrará ...; e, b) ASSISTÊNCIA AO HOMEM DO CAMPO - ... é sumamente necessário que o Tradicionalismo ampare social e moralmente o homem do campo ...

Para que não aconteça o que escreveu FERNANDES (2006), citando o que disse / predisse Glaucus Saraiva: (...) "**à beira das estradas encontro esqueletos de CTGs**" (...). **E complementa FERNANDES**, Os esqueletos de CTGs referido por Glaucus, creio, não se limitava à extinção das entidades do ponto de vista jurídico. É lúcido pensar, que o estudioso e observador sagaz estendia a referência aos CTGs não cumpridores de suas finalidades. Esqueletos vivos.

Por meio das observações, acredita-se também que esteja faltado ao tradicionalismo gaúcho um choque de gestão profissional, a nível nacional, onde possam ser discutidos e aplicados modernos conceitos de governança corporativa.

Sob essa mesma ótica, não há dados disponíveis das informações econômicas e financeiras, a nível global, do movimento tradicionalista gaúcho (CTGs / MTGs / Entidades Singulares, etc.).

Essas informações e outras, tais como Investimentos, Financiamentos, Receitas, Despesas, Evolução ou Decréscimo Patrimonial, preparadas por meio de relatórios programados e estruturados, podem **(i)** auxiliar os administradores das entidades em suas gestões; **(ii)** demonstrar aos associados e à sociedade os resultados das atividades desenvolvidas e a situação patrimonial e de caixa, propiciando uma melhor análise de suas evoluções; **(iii)** consolidadas, mostrar o poder econômico do movimento, bem como a oportunidade de captar recursos públicos destinados principalmente à cultura.

Nesse sentido, tivemos frustrada uma tentativa, em 2004, mesmo como o apoio do presidente da CBTG, à época, Cel. Celso Souza Soares, de elaborar uma dissertação sobre o processo de aperfeiçoamento da informação e avaliação do desempenho patrimonial, econômico e financeiro dos Centros de Tradições Gaúchas do Brasil, por falta de respostas dos questionários enviados às Entidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

O **estado de consciência** que é o tradicionalismo é sem sombra de dúvida, **uma ideia vitoriosa**, de atitude e corajosa, reconhecida e aplaudida, que atravessou porteiiras e fronteiras e, cuja extensão de seus feitos é praticamente impossível de medir.

O movimento tradicionalista gaúcho deve estar sempre posicionado e ter atitude e coragem para enfrentar modismos, modernismos e mudanças que venham a comprometer a causa tradicionalista, seus pressupostos (família, cultura, tradição, folclore), crenças, valores, princípios e convenções, a exemplo do que fizeram os precursores do movimento, em 1947.

O mundo contemporâneo e seus desafios têm necessidade de **esperança, consciência, conscientização e liderança**.

As pessoas do mundo inteiro, especialmente os tradicionalistas precisam compreender e falar mais a língua do **CO – CO**nsciência, **CO**mpetência, **CO**nsenso, **CO**nfiança, **CO**ragem, **CO**munhão, **CO**mpromisso, **CO**nhecimento, **CO**mprometimento, **CO**nscientização, **CO**operação, **CO**optação, **CO**laboração – galhos, folhas e frutos da “**Árvore da Liderança**” e do “**Relacionamento**”, cujas raízes são, entre outros, a **Amizade**, o **Respeito**, a **Bondade**, o **Amor**, a **Paciência e a Paz**.

Também se observa que falta a muitos líderes e gestores mais emoção (95% do ser humano é emoção). A emoção que tem os campeiros pelo campo, os laçadores pelo tiro de laço, os declamadores pelo verso, os cantores pela interpretação, os trovadores pelo repente, os gaiteiros, violonistas e violeiros pela música, os jogadores de truco pelo grito de “truco”, os jogadores de bocha pelo ponto e pela bochada, os jogadores de bolão pela derrubada de todos os pinos.

A sustentabilidade do tradicionalismo gaúcho é determinante para a imagem e continuidade do movimento, para que continue sendo esse fenômeno

antropológico, único no mundo, na opinião de muitos estudiosos, que tem identidade própria e resiste bravamente a todos os modismos e influências multiculturais. Se antes a resistência era em defesa de princípios de justiça, igualdade, liberdade, humanidade, e o sangue foi derramado por direitos e respeito, hoje, sem guerras, sempre buscando o entendimento e a paz, é em defesa da cultura gaúcha.

Não mudou nem nunca mudará nossa Bandeira, quem sabe o gaúcho vai mudando (se adaptando) apenas a forma de balançá-la aos quatro ventos.

É missão e responsabilidade de todos os tradicionalistas gaúchos brasileiros manter o **“Galpão do Tradicionalismo”** em pé e preservá-lo, não permitindo que se abalem suas **“Estruturas”** e **“Telhas”**, para que seus **“Esteios”** permaneçam firmes e sustentáveis para as próximas gerações.

Por fim, recomenda-se / alerta-se aos líderes do movimento tradicionalista gaúcho, que tomem os devidos cuidados para que o tradicionalismo não seja transformado de movimento sociocultural para político-partidário, onde o modo de se fazer as coisas, bem como as regras de convivência não sejam impostas pelo poder votante, mas por meio do entendimento, do consenso e da vontade da maioria dos tradicionalistas de todas as querências deste País.

5. BIBLIOGRAFIA

COMISSÃO PROVISÓRIA DE JOVENS DO MTG. *Manual informativo da comissão provisória de jovens do MTG*. BARBOSA LESSA: O Sentido e o Valor do Tradicionalismo. Porto Alegre: MTG, 1987.

DE ANDRADE, Edivanete Márcia Nogueira. Sustentabilidade em áreas urbanas: análise do sistema viário do campus sede da UFMT. UFMT/MT. Cuiabá, 2011.

FERNANDES, Francisco Pinto. O repensar do movimento tradicionalista gaúcho. Brasília, Janeiro de 2006.

FERREIRA, Cyro Dutra. "35 – CTG: o pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG. 3. ed. Porto Alegre: "35" CTG, 1987.

FIGHERA, Francisco Carlos. Contribuição para o processo de aperfeiçoamento da informação para a decisão e avaliação do desempenho patrimonial, econômico e financeiro dos Centros de Tradições Gaúchas do Estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis e Financeiras. PUC/SP. São Paulo, 2005.

LIMA, Jarbas. Tradicionalismo...Responsabilidade social - Reflexões. Porto Alegre: MTG, 2004.

MEIO SÉCULO DE CONGRESSOS (1954 – 2004). Documentos Basilares do Tradicionalismo Gaúcho. MTG. Porto Alegre, 2004.

SAVARIS, Manoelito Carlos. Pronunciamento no início de seu mandato de Presidente da CBTG. Porto Alegre, Janeiro de 2012.

_____As regras são feitas para serem cumpridas. Artigo publicado em www.cbtg.com.br Porto Alegre, 2013.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

Fontes consultadas via internet:

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA – CBTG

<http://www.cbtg.com.br>

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

<http://www.riogrande.com.br>

MTG DO RIO GRANDE DO SUL

<http://www.mtg.org.br>

WIKIPÉDIA A ENCICLOPÉDIA LIVRE

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sustentabilidade>

VERDE VIDA

<http://verdevida.wordpress.com/2007/08/20/o-que-e-ser-ecologicamente-correto/>

SIGNIFICADOS.COM.BR

<http://www.significados.com.br/sustentabilidade/>